

Biblioteca Anarquista



Estado e Revolução

Luigi Fabbri

Luigi Fabbri
Estado e Revolução
1920–21

fr.theanarchistlibrary.org

Titulo Original: *L'État et la révolution*. Tradução e Revisão por André
Tunes @**Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista**.
Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou
em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu
conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org

1920–21

Foi recentemente publicado por “Avanti” um livro de Lenin escrito após a revolução, que por seu título prometia esgotar o assunto dos problemas de relacionamento entre a Revolução e o Estado. Mas admitimos ter experimentado uma grande desilusão.

A personalidade de Lenin permanecerá gravada em letras de fogo na História. Se fossem apenas três anos desde que o partido instalou seu poder em um povo de 300 milhões de pessoas, isso bastaria para testemunhar a poderosa energia moral e material deste homem que um dia estará entre os nomes mais famosos da história.

Mas onde nos parece que os seus apologistas estavam enganados na exaltação do seu mestre, é quando ele o apresenta como “grande teórico do socialismo”. A menos que sejam obras anteriores escritas em russo e não traduzidas em francês ou italiano, tudo o que foi publicado aqui mostra em Lenin um forte polemista, um homem que sabe manipular os textos do marxismo para fazê-los dizer o que quiserem, um escritor sem cabelo na língua, adepto da argumentação como da invectiva, mas sem ideias adequadas, sem uma visão brilhante do todo, e áridos, sem aquele fogo interior que torna vivos os escritos de Marx, Mazzini, Bakunin. Da mesma forma, sua cultura histórica e sociológica (pelo menos no que vemos até agora) parece vasta e profunda, certamente, mas apenas no que diz respeito ao marxismo. Parece que nada mais existe para ele.

Alguns queriam ver nele um continuador de Marx. Que erro, eu tenho apenas os lados menos simpáticos de Marx, um exclusivismo feroz, desprezo por quem não pensa como ele, a dureza da linguagem, a tendência a conquistar o adversário com ironia e sarcasmo, a intolerância de toda a oposição. Como homem de ação, ou melhor, guia ou líder de homens de ação, Lenin é sinceramente uma personalidade que não tem igual na história do socialismo e o próprio Marx não poderia ser comparado a ele, desde que ele era um homem de pensamento do que um homem de ação. Mas, como teórico, Lenin certamente não acrescenta nada a Marx, do qual ele simplesmente faz exegese, comentário, interpretação, quando não é um sofista.

Fomos fortalecidos nessa convicção pela leitura do último livro “O Estado e a Revolução”, sobre o qual nos lançamos com ganância, porque nos prometia tratar o problema que nos interessa: saber se, de fato, o Estado pode ser instrumento da revolução, ou se é mais um obstáculo, um embaraço, um impedimento contínuo ao seu desenvolvimento, para

Em uma publicação anarquista, não se pode ignorar o que Lenin diz em seu livro sobre anarquistas e anarquismo.

Dissemos algo acima, mas não devemos esconder o esforço que Lenin faz para ser justo com os anarquistas, talvez porque ele saiba por experiência quão valioso pode ser sua ajuda. Ele nem sempre é bem-sucedido, por exemplo, quando diz que os anarquistas não deram nenhuma contribuição para questões concretas sobre a necessidade de destruir o mecanismo do Estado e o modo de substituição. Toda literatura anarquista é, precisamente, a demonstração do contrário!

Mas Lenin dá aos anarquistas essa justiça, depois de trinta anos, para reconhecer que o texto de Plekhanov “Anarquismo e Socialismo”, que constitui, com um pequeno panfleto de Deville, o único tratado de caráter socialista sobre este tema, “aplica-se a virar o problema ou não vê-lo.” “Plekhanov”, diz Lenin, “engenhosamente tratou desse tema evitando completamente a questão mais atual, o mais essencial na luta contra o anarquismo, a saber: a atitude da Revolução em relação ao Estado e a questão do Estado em geral. Seu panfleto é composto de duas partes: uma parte histórico-literária contendo documentação valiosa sobre a evolução das ideias de Stirner, Proudhon, etc ... o outro, todo filisteu, contém argumentos do pior gosto sobre a impossibilidade de distinguir um anarquista de um bandido. Essa combinação de temas é muito piada e caracteriza, na melhor das hipóteses, toda a atividade de Plekhanov: meio doutrinária, meio filistina, arrastando-se na política na esteira da burguesia”.

Mesmo que pareça deliberado, essa linguagem vulgar e filistina de Plekhanov foi precisamente reimpressa hoje em dia, quem sabe por quê, pela livraria bolchevique leninista de “Avanti!”.

Mas se Lenin reconhece que as críticas costumeiras ao anarquismo, feitas pelos socialdemocratas do gênero Plekhanov, usa trivialidades pequeno-burgueses, seus argumentos não são mais conclusivos, pois tem como alvo uma manufatura anarquista especial que não existe na realidade. Ele repete as críticas de Engels aos Proudhonianos, atribui aos anarquistas a ilusão de poder destruir o Estado da noite para o dia, sem ter a menor ideia do que deveriam substituir por ele dentro do proletariado, etc. Mas para mostrar o quanto Lenin é de entender o que os anarquistas são e como eles querem trabalhar, devemos escrever tanto, se não mais, do que fizemos, o que faremos novamente, se ... Nós temos tempo.

ser continuamente combatido, tentando destruí-lo e diminuir seu poder por uma oposição ardente e constante.

Em troca, só encontramos no livro um tratado de “uso interno” do Partido Socialista. Lenin demonstra ou tenta demonstrar que o sistema de ditadura está em harmonia com a doutrina marxista e nada mais. Parece que a dúvida não lhe chega, nunca, que se pode ser socialista sem ser marxista e que a revolução não pode ser adaptada, sem mutilá-la, ao fato de Procusto de uma escola doutrinal e unilateral definida.

A demonstração de Lenin nem nos satisfaz do ponto de vista do marxismo. Apesar de certas expressões, usadas para dar força à declaração de sua intenção, em vez de serem tomadas em seu sentido literal, Marx concebeu, para a revolução, um processo democrático, que naturalmente seria um punho de ferro contra a burguesia, mas deixou para o proletariado e para as várias forças e correntes socialistas as liberdades que se continuava a chamar de democráticas (votação, imprensa, reunião, associação, autonomia local, etc.), desde que fossem baseadas na preponderância das maiorias, e através do sistema de representações.

Nós, anarquistas, também nos opomos a esse sistema, pois também não reconhecemos o direito das maiorias a oprimir as minorias, pois acreditamos que as liberdades prometidas pelo sistema representativo são ilusórias ou incompletas. Nesse sentido, somos antidemocráticos. Mas pela mesma razão, e com maior hostilidade, nos opomos à ditadura, o que negaria até mesmo as raras e ilusórias liberdades do sistema representativo, que dariam à minoria, ou mesmo a alguns homens, o direito de oprimir e governar, pela força, a maioria; e se não queremos que eles oprimam, não queremos o contrário.

Além disso, se de fato o sistema da ditadura proletária se conformava com os “textos sagrados” marxistas, resta demonstrar que uma direção tão rigidamente estatal é mais apropriada para trazer a revolução como propaganda; e, na prática, desenvolver a revolução para libertar o proletariado da escravidão econômica e política, da servidão estatal e da propriedade. Em vão, procuramos por tal demonstração no último livro de Lenin: “O Estado e a Revolução”.

O livro de Lenin é acima de tudo uma polêmica contra os socialdemocratas e os reformadores. Para isso, dizemos que é mais uma escrita para o uso interno do PS... Há uma enorme abundância de citações de Marx e Engels a ponto de se removermos as numerosas páginas de “reproduções” o livro seria reduzido para um panfleto bastante modesto.

Naturalmente, só podemos subscrever a primeira parte do livro, que destaca a hipocrisia burguesa e democrática, segundo a qual o Estado é o representante dos interesses de todos os cidadãos, enquanto na verdade é uma arma da classe dominante para explorar as classes oprimidas. Mas então Lenin cai no erro marxista (ou antes engelsiano) segundo o qual o proletariado toma a autoridade do Estado, transformando os meios de produção em propriedade do Estado e consegue destruir o próprio Estado. Se o Estado fosse também convertido em proprietário, teríamos o capitalismo de estado, não o socialismo, e muito menos a abolição do Estado ou da anarquia!

Sistema curioso para abolir uma organização que multiplique suas funções e lhe dê novos meios de poder.

Com o Estado proprietário, todos os proletários se tornariam funcionários do Estado, em vez de serem assalariados por capitalistas privados. O Estado seria o explorador, isto é, que ele (o enorme montão de altos e baixos governantes e toda a burocracia com todas as suas fileiras hierárquicas) seria capaz de constituir a nova classe dominante e exploradora. Parece que algo semelhante está sendo criado na Rússia, pelo menos nas grandes cidades, no campo da grande indústria.

Este é o grande erro marxista, considerar o Estado como um mero efeito da divisão de classes quando também é uma causa. O Estado não é apenas o servo do capitalismo, reforçando o privilégio econômico da burguesia, etc., mas ele mesmo é a fonte de privilégios, constituindo uma classe ou casta privilegiada, fornecendo novos elementos à classe dominante, e o faria ainda mais se, com força política, também tivesse força econômica, isto é, riqueza social, como o único proprietário.

Lenin diz que a ditadura será “a do proletariado organizado em classe dominante.” Mas há contradição em termos! Se o proletariado se torna uma classe dominante, não é mais um proletariado, não é mais um não-possuidor. Isso significa que ele se tornou chefe. Além disso, se existem classes dominantes, é porque existem classes dominadas, classes que se tornarão então proletárias. A divisão de classes continuará a subsistir; a única explicação para esse enigma é que a classe dominante será composta de uma minoria do proletariado, que terá expropriado a atual minoria burguesa, uma minoria à qual o restante da população terá sido subjugada, isto é, as velhas classes desapropriadas e a maioria dos proletários que permanecerão assim e permanecerão escravizados, politicamente dominados e explorados economicamente.

Se esse erro terrível foi percebido, é em vão que a humanidade mais uma vez sangraria. Ela teria apenas virado do outro lado, em seu leito de dor e injustiça!

Bakunin previu, há quarenta e cinco anos, essas consequências da aplicação do marxismo: o governo dos grupos operários mais progressistas, nas grandes cidades, em detrimento das maiorias operárias do campo e dos pequenos centros, dos trabalhadores não qualificados, etc ... Lenin, guiado por Marx e Engels, recorda o exemplo das revoluções francesas de 1848 e 1871. Mas é precisamente da experiência dessas duas revoluções que o anarquismo nasceu como concepção libertária da revolução. Considerando que todos os teóricos revolucionários que viram estas duas revoluções de perto, notaram o dano causado pelo Estado ou pela liderança ditatorial da revolução. O próprio Marx é citado sem razão a este respeito, uma vez que, escrevendo sobre a Comuna de Paris, ele não exalta de modo algum o centralismo – como afirma Lenine –, mas precisamente o sistema de autoridades comunais.

Lenin fala então da destruição do mecanismo estatal, mas ele quer destruir o mecanismo estatal burguês para substituí-lo por outro como burocrático e narcótico, o do PC. Nessa troca, os únicos vencedores serão aqueles que constituirão a equipe do novo Estado, a nova burocracia. Sobre este assunto, venho me lembrar da antiga fábula deste cavalo ferido, coberto de moscas, que repeliu a ajuda daqueles que queriam expulsá-los, “Pois”, ele disse, “aqueles que eu tenho já estão cheios de sangue, e se você expulsá-los, haverá outros mais famintos e mais vorazes.”

Este preconceito centralista de Lenin também é revelado por um aviso que ele dá aos anarquistas. “Porque eles não querem administração?” Quem disse a Lenin que os anarquistas não querem administração? Que não sabemos. Mas seu erro vem do fato de que ele não concebe uma administração possível sem burocracia, sem um Estado, sem autoridade, e uma vez que os anarquistas não querem burocracia, autoridade ou Estado, ele acredita que eles não querem administração. Mas isso é uma extravagância. Na realidade, a melhor administração, a melhor organização, aquela que merece esse nome, é a menos centralizada e a menos autoritária possível. Quando Lenin diz, citando Engels, que quer conseguir a eliminação do Estado, ele declara uma intenção piedosa sem resultados práticos, já que o caminho escolhido leva, pelo contrário, ao fortalecimento da instituição estatal, passando somente de uma classe para outra no processo de formação.